

Instrumentação e testes

US\$ 39,8 milhões

> FATURAMENTO LÍQUIDO DO SEGMENTO

Não é por acaso que a HP até hoje reconta sua história — uma empresa de garagem, criada por iniciativa de dois estudantes da Universidade de Stanford, para produzir, inicialmente, osciladores de áudio, utilizados em massa por engenheiros no teste de sistemas de som. A empresa logo viraria, embaixo da marca guarda-chuva, HP, o maior fabricante de equipamentos de instrumentação e testes do mundo. Nos anos 80, chegou a produzir cerca de 400 produtos distintos. Quando escolheu diversificar, entrando no ramo das impressoras e computadores, a HP decidiu conceder independência à empresa-mãe e depois vendê-la: ela mudou depois de nome, para Agilent. Mas herdou o prestígio de ter virado sinônimo de instrumentos de testes até hoje.

Os tempos mudaram. Também mudou o mercado de instrumentação e testes, assim como a HP, mãe e filha. Mas uma coisa não mudou: a complexidade da arquitetura desses equipamentos, a sofisticação de cada um deles, tão maior quanto mais se complicam as operações de negócio, característica que faz desse um mercado de poucas marcas, todas de capital estrangeiro, testemunha

William Sakata, engenheiro responsável pela área de aplicações da Agilent no Brasil, empresa que, aqui, concorre com a HellelmannTyton e a JDSU do Brasil. Em 2007, o faturamento desse setor cresceu acima do crescimento da economia.

O grande motor, segundo William, continuaram sendo as novas tecnologias de redes, tais como a Wi-Fi e Wi-MAX, capazes de prover a transmissão de dados, voz e imagens com elevadas taxas de desempenho. Esses foram os principais temas de discussão do Fórum Tecnológico da Instrumentação, Teste, Medida e Controle Industrial, que reuniu mais de 300 especialistas, em abril de 2007, na cidade de Lisboa.

A Agilent, presente em 110 países, produzindo instrumentos de monitoração para redes de telecom, fixas e celulares, cresceu 60% em 2007 (receita líquida), avanço que atribui à enorme participação da marca em projetos de comunicação sem-fio, liderados, no Brasil, especialmente por Nokia e Motorola. Hoje, segundo William, os sistemas sem-fio compõem 70% do faturamento da Agilent. A empresa fabrica produtos para a indústria de

computação, incluindo armazenamento e automação de processos, bem como para a chamada indústria da vida e química. Mas o carro-chefe são os sistemas para telecomunicações, que incluem desde osciloscópios e analisadores de rede até digitalizadores de sistemas de alta velocidade, passando pelos sistemas usados nos testes de qualidade em protocolos.

“Quando a telefonia celular começou a atingir o ponto da saturação, com a quase totalidade dos brasileiros portando aparelho, houve quem apostasse no fim dos projetos de comunicação móvel”, diz William. “Mas, na prática, o que acontece é que os dispositivos não param de evoluir, de se tornar cada vez mais complexos. Assim, incorporam funções em número cada vez maior, para aplicações de lazer e negócios. Isso demanda tecnologia pesada e alto nível de qualidade dos sistemas — em última análise, instrumentos de precisão.”

“O que conspira a favor da indústria de instrumentação, atualmente, são as necessidades em qualidade, segurança e economia de custos”, diz Fábio Augusto Marchiori. No Brasil, ele responde pela engenharia de produtos da americana HellelmannTyton, instalada em Jundiaí, São Paulo, e que, em telecomunicações, aqui representa a inglesa Spirent, especializada em instrumentação e teste de redes de TI e sistemas de aviação.

No mercado brasileiro de telecom, a HellelmannTyton capitaliza a disseminação da tecnologia de VoIP. Em 2007, a empresa, também especializada em sistemas de teste para cabeamento, cresceu pouco em 2007 (3%), mas deve crescer mais em 2008-2009, graças ao lançamento de *software* para gerenciamento de redes VoIP.

Na Cidade Industrial de Curitiba, robôs já imprimem os circuitos eletrônicos e montam os nove modelos de telefones IP da nova linha da Siemens Enterprise Communications (EC). É a segunda fábrica da Siemens no mundo (a outra é na Grécia), na qual gastou US\$ 5 milhões; a produção será vendida na América Latina. Segundo estudos da Siemens, 30% das empresas brasileiras usam VoIP e 15% usam telefones IP. Com telefones fabricados no Brasil, mais empresas adotam VoIP.